

O diálogo ganha força na Europa

FROTA NETO
Correspondente

Genebra — No próximo dia 25, o Fundo Monetário Internacional (FMI) estará realizando seu encontro anual. Um dos temas em debate será, necessariamente, o endividamento do Terceiro Mundo e os "reajustamentos" que estão sendo impostos aos países em acordo com o Fundo. Especialmente no que diz respeito às implicações políticas e sociais dessas medidas. Um outro tema da reunião será o relatório do próprio FMI de que este ano os países ricos vão apresentar expressivo crescimento (acima de 5%). Mas que no ano que vem esse crescimento será bem mais baixo (em torno de 3%). O que significa que se no próximo ano países em crise como o Brasil vão sentir algum alívio, é possível que voltem a mergulhar em dificuldades a partir de 1986.

Sob tal peso de agenda, e com as limitações, que o FMI está sofrendo para socorrer mais eficientemente os países em crise, a expectativa econômico-financeira repassa para uma outra área. É que o Governo da França vem de responder favoravelmente a um apelo para uma reunião Norte/Sul (ricos e pobres) sobre o problema do débito do Terceiro Mundo. A realização de tal encontro acha-se agora em discussão nesta semana no âmbito da Comunidade

Econômica Européia (CEE) em Bruxelas. Uma resposta inicial da CEE poderá, nesse modo, ser dada já na próxima semana.

Essas informações colhidas em Paris não significam, porém, que se esteja nas vésperas do encontro. Com efeito, o principal entrave para essa reunião Norte/Sul são os Estados Unidos. Sem os EUA tal diálogo não tem significação nem tem sentido. Não haverá, portanto, e os EUA não deverão dar qualquer sinal verde nessa direção até as eleições presidenciais de novembro. Mas isso não quer dizer que o Governo Reagan tenha retirado esse tema de sua pauta/agenda. Pelo contrário, informações de que os meios especializados dispõem em Paris são de que os EUA continuam trabalhando junto aos bancos privados e às agências internacionais, persuadindo-os a facilitarem o fluxo de novos recursos financeiros para a América Latina, por exemplo. Não é sem outra razão que o Banco Mundial está, nessa área, com seus reforços concentrados.

Quanto aos reflexos do endividamento, com ou sem ênfase maior no FMI, de uma coisa parece haver pouca dúvida: os anos oitenta poderão ser caracterizados no futuro como "a década perdida" pela América Latina para melhoria dos níveis de renda "per capita", afirmam os especialistas sobre as questões internacionais do endividamento.